

Novo bispo apresenta-se em mirandês

O novo bispo de Bragança-Miranda visitou hoje (09 de Outubro de 2011) a concatedral de Miranda do Douro, dirigindo-se aos presentes em mirandês para os convidar a preservar a fé cristã que “muito contribui” para o progresso local.

“Que Ele (Jesus) com a sua santíssima mãe nos encoraje a todos para sermos bons guardiães e testemunhas da fé cristã que os nossos pais nos transmitiram e que muito contribui para o progresso da nossa terra, das suas gentes e da sua cultura”, disse D. José Cordeiro, na homilia que proferiu durante a missa desta tarde.

Uma semana após ter sido ordenado bispo em Bragança, o prelado quis visitar a Sé mirandesa, sede original da diocese do nordeste transmontano, e dirigir-se à população local na segunda língua oficial em Portugal: “Deixai que bos fale na buossa lhéngua mirandesa; perdonai-me se nun la sei falar tan bien cumo bós”.

Antes, D. José Cordeiro manifestara “profunda alegria” por estar em Miranda do Douro, que considerou a fonte da “identidade eclesial e cultural” da diocese, ali nascida em 22 de maio de 1545.

A atual diocese de Bragança-Miranda teve o seu início e primeira sede em Miranda do Douro, em 1545 e só em 1780, pela Bula “Romanus Pontifex”, de 27 de setembro, teve como nova sede a cidade de Bragança.

Comentando a passagem do Evangelho lida na celebração, o atual bispo diocesano falou de “um Deus não escutado e ignorado que sonha uma festa com pessoas felizes”.

“Deus da sala vazia, Deus das igrejas vazias, do pão e do vinho que ninguém quer. Todavia Deus convida, não obriga. Ele convida não ao trabalho e cansa da vinha, mas da festa. Deus não se desencoraja, encontra sempre novas possibilidades. Deus não quer gente serva, mas que o deixem servir na alegria das núpcias”, disse D. José Cordeiro.

Concatedral

Miranda do Douro

09 de Outubro de 2011

Saudação

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro

Pároco

Cabido

Seminário

Caros Irmãos e Irmãs

É com profunda grande alegria que estou em Miranda do Douro a celebrar convosco a Eucaristia neste Domingo, na oitava da ordenação episcopal e início do ministério pastoral na nossa amada Diocese. Vir a Miranda é voltar às fontes da nossa identidade eclesial e cultural. Aqui nasceu em 22 de Maio de 1545 a Diocese que somos. Queremos também recordar que há 445 anos foi dedicada esta casa de oração, hoje com todas as honras de concatedral da Diocese, com a sagração do Altar-mor a 6 de Abril de 1566.

«Tudo posso n’Aquele que me conforta». Esta palavra de S. Paulo que escutamos na segunda leitura, leva-nos a evocar um grande Bispo da nossa Diocese e oriundo de Miranda Do Douro, D. Abílio Vaz das Neves, porque foi o lema escolhido por ele para o seu brasão e orientação da vida episcopal.

«Convidai para as bodas todos os que encontrardes» – Evangelho

Tudo começa com um convite. Universalidade da salvação.

O banquete – símbolo da festa e da alegria de Deus connosco

Nesta parábola, alguns elementos chamam a nossa especial atenção: em primeiro lugar vemos uma sala vazia, preparada para uma festa onde ninguém participa, depois é o primado do dom, ao início um Deus não escutado e ignorado que sonha uma festa com pessoas felizes. Deus celebra o rito da amizade: «Ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas todos os que encontrardes».

Deus da sala vazia, Deus das igrejas vazias, do pão e do vinho que ninguém quer. Todavia Deus convida, não obriga. Ele convida não ao trabalho e cansa da vinha, mas da festa. Deus não se desencoraja, encontra sempre novas possibilidades. Deus não quer gente serva, mas que o deixem servir na alegria das núpcias.

Deus não se merece, Deus acolhe-se: «Então os servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a sala do banquete encheu-se de convidados».

A parábola termina com um drama, o drama da veste nupcial. Aquele homem não era pior que os outros, mas enganou-se acerca do rei. Não acredita que fosse possível a um rei convidar um pobre. O rei não dá só pede, terá pensado. «Enganar-se sobre Deus é um drama, é a coisa pior que nos pode acontecer, porque enganamo-nos sobre o mundo, sobre a história, sobre o homem e sobre nós próprios. Enganamos a vida» (David M. Turoldo).

O que é o hábito nupcial? É Cristo, « revesti-vos de Cristo », exorta S. Paulo. Por Cristo, com Cristo, em Cristo – Doxologia final – passar a vida a vestir-se e a revestir-se de Cristo, dos seus gestos e dos seus dons.

## Ad docendum Christi Mysteria. A vida em Cristo

A vida em Cristo não se ensina, aprende-se e experimenta-se. À pergunta dos discípulos «onde moras?» Jesus responde «vinde e vede» (Jo 1, 38-39). Esta resposta do Mestre continua a ser um convite permanente para a comunicação plena e o seguimento definitivo de Cristo.

Alguns imaginam Cristo como o sacramento da salvação de todas as pessoas, mas que está “lá em cima”, e depois a Igreja, outro sacramento, como estando “cá em baixo”, e, por fim, os sete sacramentos da Igreja, realizados de vez em quando. A vida em Cristo é a finalidade da nossa oração e da nossa fé. «A vida em Cristo», uma expressão usada com frequência nas cartas paulinas (Fil, 21), tem início na vida presente e será perfeita na vida futura. É Cristo que se une aos homens pelos mistérios, comunicando a vida nova.

Caros Armanos i Armanas

Pra acabar, deixai que bos fale na buossa lhéngua mirandesa; perdonai-me se nun la sei falar tan bien cumo bós.

La nobidade de l Eibangeilho renuobe l nuosso coração pa ls zafios que siempre la bida mos pon.

L Papa Bento XVI lhembrou-lo hai mui pouco tiempo: « Todos mos damos de cuenta de cumo ye tan perciso que la lhuç de Cristo alhumbre cada rincón de l'houmanidade: la família, la scuola, la cultura, l trabalho, l tiempo lhibre i ls outros campos de la bida social. Num se trata d'anunciar ua palabra que mos pon a drumir, mas que mos spechuca, que chama a la cumberson, que torna possible l ancuontro cun El, por quien renace ua nuoba houmanidade».

Santa Maria Maior, a quien ye dedicada esta tan guapa casa de Dios, anteceda por todos i mos amostre l caminho pa l Mistério de Cristo; que sou Nino, l de la Cartolica, seia l defensor de las populaçones an todas las oucasionen defíceles; que El, cun sue Santíssema Mai, mos ancoraije a todos para sermos buenos guardianos i teçtemunhas de la fê crestana que nuossos pais mos trasmitírun i que muito cuntribui pa l porgresso de la nuossa tierra, de las sues gientes i de la sue cultura.

José Manuel Cordeiro